



UNILAB

Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHALERADO EM HUMANIDADES**

MARIA GARDIENE SILVA NASCIMENTO

**PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NA FÁBRICA PAQUETÁ CALÇADOS EM
PENTECOSTE-CE.**

Redenção-Ceará-Brasil

2018

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHALERADO EM HUMANIDADES**

MARIA GARDIENE SILVA NASCIMENTO

**PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NA FÁBRICA PAQUETÁ CALÇADOS EM
PENTECOSTE-CE.**

Projeto de Pesquisa apresentado ao Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de bacharel.

Prof. Orientador: Gledson Ribeiro de Oliveira

Redenção-Ceará-Brasil

2018

Sumário

RESUMO.....	4
1. APRESENTAÇÃO OU DELIMITAÇÃO DO OBJETO	5
2. JUSTIFICATIVA.....	7
3. OBJETIVOS.....	8
3.1 Objetivo geral.....	8
3.2 Objetivo específicos.....	8
4. REFERENCIAL TEÓRICO	9
5. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	14
6. CRONOGRAMA	15
BIBLIOGRAFIA	16

RESUMO

O objetivo da presente pesquisa é analisar as relações de trabalho na indústria Paquetá Calçados, situada em Pentecoste - CE, com o intuito de verificar possíveis precarizações nas relações trabalhistas. Para isso partimos da hipótese de que as relações na presente fábrica apresentam possíveis níveis de precarização do trabalhador, bem como a submissão de serviços vulneráveis. Sabendo que a sociedade do trabalho está em constantes mudanças e que as mesmas podem ser de caráter negativo para a classe trabalhadora, busca-se identificar e analisar as situações de precarização do trabalho.

Palavras-chave: Precarização. Trabalho. Indústria.

1. APRESENTAÇÃO OU DELIMITAÇÃO DO OBJETO

Na contemporaneidade o trabalho é uma necessidade para a realização pessoal e da coletividade. Porém, com o advento do capitalismo, sistema que explora o trabalho visando o lucros, os trabalhadores estão sujeitos a situações de precarização. O objetivo desta pesquisa é a partir da fábrica Paquetá Calçados, situada em Pentecoste - CE, estudar a vulnerabilidade dos trabalhadores no ambiente fabril. Partimos da hipótese de que as relações na presente fábrica apresentam possíveis níveis de precarização do trabalho.

A fábrica Paquetá Calçados foi fundada em 20 de junho de 1945 em Sapiranga, Rio Grande do Sul. De 5 pares de calçados por dia, hoje produz diariamente cerca de 65.000 pares de calçados femininos, esportivos e infantis. A fábrica possui sete unidades produtivas no Brasil (Rio Grande do Sul, Ceará e Bahia), na Argentina (Chivilcoy) e na República Dominicana (Santiago de los Caballeros).

A fábrica tem cerca de 2.100 trabalhadores residentes na cidade de Pentecoste e em distritos e cidades vizinhas. A fábrica tem impacto considerável na oferta de empregos. A remuneração é de R\$ 4,43 por hora de trabalho e a meta estabelecida é de produzir 1.100 pares de sapato por dia. A média salarial está entre R\$ 870,00 e R\$ 900,00 reais, dependendo da carga horária cumprida em um mês pelo funcionário.

O modelo de produção e organização do trabalho é neo-fordista. Há homogeneidade dos produtos e rotinas padronizadas de trabalho, mas os operários da linha de produção são multifuncionais. O horário de funcionamento é de segunda-feira à sexta-feira, de 06h30min até 11h30min da manhã, com pausa para almoço, retornando às 13h00min da tarde com o expediente finalizando às 16h48min. Já o turno da noite começa às 17h00min e se estende até 21h30min, com pausa para o jantar, retornando as 22h30min da noite até às 02:30 da manhã. No dia de trabalho há pequenas pausas que duram sete minutos para ir ao banheiro, lanche (caso tenha o funcionário levado seu próprio lanche), e descanso, feitas quando a esteira pára, às 08h40min da manhã e 14h40min da tarde, ocorrendo da mesma forma no turno da noite, nos horários de 20h40min e 01h30min. Os operários possuem um sindicato da categoria. O Sindicato da Indústria de Material Plástico, Transformação e Reciclagem de Material Plástico do Estado de São Paulo (SINDINPLAST), em parceria com o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR), da cidade de Pentecoste, tem ligação

com a fábrica Paquetá de modo a possibilitar aos operários, consultas médicas, odontológicas, sociais etc.

Sabendo que a sociedade do trabalho está em constante transformação e que as mesmas podem ser negativas para a classe trabalhadora, buscamos através desta pesquisa identificar e analisar as situações de precarização do trabalho na fábrica Paquetá Calçados em Pentecoste – CE. A pesquisa busca responder as seguintes questões: Quais as formas de precarização mais recorrentes? Quais são as condições de trabalho? Há perda de direitos dos trabalhadores na fábrica? Como os moradores da cidade e os trabalhadores veem a fábrica?

2. JUSTIFICATIVA

A Paquetá Calçados é a maior empregadora da cidade de Pentecoste - CE. A fábrica gera muita insatisfação entre os trabalhadores com relação às condições de trabalho e aos direitos trabalhistas. Trabalhar na fábrica é visto como algo negativo pelos trabalhadores, pois se veem economicamente dependentes dela, tendo que se submeter ao emprego fabril por necessidade, já que na região há poucos postos de trabalho com carteira assinada.

Consideramos a fábrica Paquetá como um micro-universo das transformações pelas quais passam o trabalho e a indústria na contemporaneidade. Essas transformações podem ser apreendidas estudando a precarização do trabalho e o modelo organizacional da produção adotados na fábrica.

Nesse sentido, esta pesquisa é um estudo de caso na área de sociologia do trabalho que busca contribuir com os estudos da precarização no ambiente fabril e de seu impacto na vida dos trabalhadores.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

- Estudar a precarização do trabalho na Fábrica Paquetá Calçados em Pentecoste, Ceará.

3.2 Objetivo específicos

- Identificar as formas de precarização do trabalho na Fábrica Paquetá Calçados;
- Descrever e analisar o modelo organizacional neo-fordista de produção e gestão do trabalho;
- Investigar a percepção do trabalho na fábrica por meio de entrevistas semi-estruturadas com operários e moradores da região.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

Historicamente, a concepção de trabalho esteve ligada a uma visão negativa. O termo 'trabalho' vem do latim *tripaluim* cujo o significado deriva de uma ferramenta usada na lavoura e, depois, do nome de um instrumento romano de tortura. Em sua acepção moderna, trabalho é uma atividade humana que transforma a natureza e tem por objetivo a satisfazer uma necessidade. Em cada período da história, dominou diferentes formas de trabalho, mas o trabalho assalariado surgiu apenas com o advento do sistema capitalismo. Em sua forma assalariada, o trabalhador livre tem que vender sua força de trabalho para um empresário para sobreviver. (SANDRONI, 2002).

É no bojo das transformações econômicas e tecnológicas na Europa do século XVIII que a classe trabalhadora industrial surge. Em *A era das revoluções*, Eric J. Hobsbawm (1994) analisa que na Inglaterra a agricultura estava preparada para levar a termos suas três funções no processo de industrialização: aumentar a produção e a produtividade de modo a alimentar uma população não agrícola, ou seja, que não fizesse parte do contexto do campo, em rápido crescimento; gerar um grande excedente de mão de obra livre pronta ser usada nas fábricas; e acumular capital a ser usado nos setores mais modernos da economia. Conforme Hobsbawm (1994, p. 44):

Um considerável volume de capital social elevado - o caro equipamento geral necessário para toda a economia progredir suavemente - já estava sendo criado, principalmente na construção de uma frota mercante e de facilidades portuárias e na melhoria das estradas e vias navegáveis. A política já estava engatada ao lucro. As exigências específicas dos homens de negócios podiam encontrar a resistência de outros interesses estabelecidos; e, como veremos, os proprietários rurais haviam de erguer uma última barreira para impedir o avanço da mentalidade industrial entre 1795 e 1846. No geral, todavia, o dinheiro não só falava como governava. Tudo que os industriais precisavam para serem aceitos entre os governantes da sociedade era bastante dinheiro.

A nova classe social, o proletariado, era composta por pessoas que vendiam sua força de trabalho para o proprietário industrial. O regime da fábrica era de opressão, exploração, com altas jornadas de trabalho, incluindo trabalho infantil e desigualdades salariais entre homens e mulheres. As consequências mais sérias da industrialização foram de ordem social:

a transição da nova economia criou a miséria e o descontentamento, os ingredientes da revolução social. E, de fato, a revolução social eclodiu na forma de levantes espontâneos dos trabalhadores da indústria e das populações pobres das cidades, produzindo as revoluções de 1848 no continente com os amplos movimentos cartistas na Grã-Bretanha. O descontentamento não estava ligado apenas aos trabalhadores pobres. Os pequenos comerciantes, sem saída, a pequena burguesia, setores especiais da economia eram também vítimas da revolução industrial e de suas ramificações. Os trabalhadores de espírito simples reagiram ao novo sistema destruindo as máquinas que julgavam ser responsáveis pelos problemas; mas um grande e surpreendente número de homens de negócios e fazendeiros ingleses simpatizava profundamente com estas atividades dos seus trabalhadores luditas porque também eles se viam como vítimas da minoria diabólica de inovadores egoístas. (HOBSBAWM, 1994, p. 55).

O proletariado não se constituiu ao longo da história de forma homogênea, sendo melhor falar em “classes operárias” e “classes trabalhadoras”. Os movimentos operários agiram e lutaram de maneiras diferentes, inclusive de formas divergentes. A classe como agente único é mais um ideário social do que uma realidade palpável. O núcleo da experiência proletária é o confronto entre os donos dos meios de produção e os assalariados. Nesse núcleo os operários compreendem três ideias: primeiro que juntos são mais fortes, segundo que o avanço individual vem da coletividade, e por último, mas não menos importante, sua principal arma é o não-trabalhar coletivo, no caso a greve geral. (HOBSBAWM, 1989).

Tão importante quanto a contribuição da história social ao estudo da formação da classe operária é o debate sobre a centralidade do trabalho na sociedade contemporânea. Em *Os sentidos do Trabalho*, Ricardo Antunes (1999) faz uma análise da categoria trabalho a partir da ontologia do ser social de György Lukács. Segundo Antunes, o trabalho em Lukács é uma dimensão ontológica do homem capaz de transformar o ser biológico em ser social. É justamente nesse processo transitório que ocorre a inter-relação entre sociedade e natureza. O trabalho pode ser enxergado como um acontecimento natural que está no eixo do modo de humanização do homem.

Somente o trabalho tem na sua natureza ontológica um caráter claramente transitório. Ele é em sua natureza uma inter-relação entre o homem (sociedade) e natureza, tanto com a natureza inorgânica [...], quanto com a orgânica, inter-relação [...] que se caracteriza acima de tudo pela passagem do homem que trabalha, partindo do ser puramente biológico ao ser social [...]. Todas as determinações que, conforme veremos, estão presentes na essência do que é no novo ser social estão contidas ‘in nuce’ no trabalho. O trabalho, portanto, pode

ser visto como um fenômeno originário, como modelo, protoforma do ser social. (ANTUNES, 1999, p. 136).

O ser social produz e reproduz as típicas condições da sua proliferação. O trabalho está no centro de toda a práxis social. O trabalho é fruto de um processo teleologicamente concebido de idealização das tarefas e dos objetos a serem produzidos. Investigando as ligações entre teleologia e causalidade, Lukács vale-se de Aristóteles ao destacar que os dois elementos do trabalho são o pensar e o produzir. O primeiro, coloca a finalidade e concebe os meios, e o segundo, torna possível concretizar o objetivo pretendido.

O trabalho é uma mediação entre necessidade e satisfação imediata num processo de autorrealização da humanidade. A cooperação entre muitas pessoas faz com que o trabalho seja dependente de tal cooperação, pois com o surgimento da linguagem e do pensamento conceitual a interação a interação ativa se constitui na modalidade do ser social. a interação entre os seres sociais se funda no mundo do trabalho e a partir do trabalho vem a satisfação realizada pela mediação das necessidades. Quanto mais o trabalho for autodeterminado, autônomo e livre, mais o ser social poderá se libertar e se humanizar. Em outras palavras, quanto maior o domínio dos conhecimentos mais a liberdade estará no centro do processo do trabalho.

As transformações profundas do capitalismo dos países centrais caracterizaram-se pela reestruturação produtiva no espaço industrial com a passagem do modelo fordista para as formas flexíveis de produção e de trabalho. O fordismo foi o processo produtivo predominante nas indústrias do século XX. Caracteriza-se pelo trabalho parcelado, pela fragmentação das funções, que no caso é a separação entre concepção e execução dos processos de trabalho e pelo emprego em massa de operários. Além de intensificar o ritmo e a disciplina do trabalho, os operários perdem os controles sobre o que produzem. (ANTUNES; ALVES, 2004).

O modelo de organização do trabalho e da produção toyotista, por sua vez, surgiu no Japão e substituiu, aos poucos, o modelo fordista. Explica Eurenice Oliveira (2002) que o toyotismo caracteriza-se pela produção flexível — *Just-in-Time* —, com matérias-primas e estoques mínimos que seguem o modelo de funcionamento dos supermercados estadunidenses onde só há a reposição do estoque quando os produtos são demandados. No

toyotismo, os trabalhadores são multifuncionais, operando várias máquinas. Diferentemente do fordismo em que o operário é especializado em uma função-máquina, no toyotismo eles trabalham em equipe. Há outras características, como a flexibilização, a terceirização, a subcontratação, os círculos de controle de qualidade total, a eliminação do desperdício, a gerência participativa, sindicalismo de empresa, entre outros elementos que acabam se propagando intensamente.

Num estudo de caso no Brasil, a autora mostra as formas de resistência dos operários e a enorme disciplina e comprometimento exigidos pelo modelo toyotista. A mesma investiga também o processo de avanço, onde os trabalhadores levam nos seus limites de comprometimento e realização produtiva no sistema Toyota. Explica que visando assegurar o trabalho, os trabalhadores estavam dispostos a colaborar no que for preciso em sua empresa, passando a esquecer de seus direitos e se importando apenas em manter o emprego.

As mudanças no mundo do trabalho da indústria são contraditórias. Ao mesmo tempo há uma tendência de qualificação e de desqualificação do trabalho. De um lado temos a intelectualização do processo do trabalho manual e de outro lado a desqualificação, com a intensificação do trabalho precário, informal, a subcontratação e o subemprego. Essa é uma mudança no interior do processo do trabalho que decorre do avanço científico tecnológico que se configura pelo peso crescente da dimensão intelectual do processo social. A imagem do trabalhador manual não mais permite dar conta do trabalho operário nas indústrias. A imagem do trabalhador é a do operador vigilante, do técnico de manutenção, do programador, do controlador de qualidade, do técnico da divisão de pesquisa, do engenheiro encarregado da coordenação técnica e da coordenação de produção. O toyotismo exige maior cooperação entre os trabalhadores, o que é diferente do processo de produção fordista.

A expansão toyotista é responsável pela desorganização do Estado Social — *Welfare State* — e pela interferência no sindicalismo classista, que busca a emancipação da classe trabalhadora em oposição. O sindicalismo burocratizado aumenta o individualismo e cria uma atmosfera aparente de participação que acaba sendo ilusória e que esconde uma essência maior à exploração física e mental do trabalhador.

Para Robert Castel (2011) a precarização do trabalho é uma das facetas da nova questão social. O que o autor chama de questão social é o questionamento da “função integradora do trabalho na sociedade”, ou seja, da desestabilização do sistema de garantias e proteções ligadas ao emprego.

O que é, antes de tudo, um assalariado? É alguém que não tem nada, que não tem propriedade, que tem apenas a força de seus braços para vender e que o faz geralmente de forma frágil e miserável. [...] o salariado é sempre pensado com base no salariado operário, quer dizer da condição social a mais ingrata, a mais penosa e também a mais desprezável [...] uma sociedade salarial é, sobretudo uma sociedade na qual a maioria dos sujeitos sociais tem sua inserção social relacionada ao lugar que ocupam no salariado, ou seja, não somente sua renda, mas também seu status, sua proteção, sua identidade. (CASTEL, 2011, p. 284-285).

A flexibilização interna do trabalho impõe a adaptação da mão-de-obra à novas situações, como, por exemplo, a minimização do preço da força de trabalho e a maximização de sua eficiência produtiva, onde aqueles que não conseguem acompanhar o ritmo são deixados para trás. A flexibilização externa, oferta o subemprego, esse com circunstâncias mais precárias, com menos direitos, proteções e garantias. Nesse sentido, para Castel, a flexibilização e instabilidade do emprego é tão grave quanto o desemprego.

[...] creio que a precarização do trabalho seja talvez mais importante ainda, pois é ela que alimenta o desemprego e que faz com que essa situação do trabalho, tornando-se cada vez mais frágil, force as pessoas a se encontrarem numa condição de vulnerabilidade (CASTEL, 2011, p. 292).

5. METODOLOGIA DA PESQUISA

Com o propósito de cumprir os objetivos da pesquisa, acreditamos que a entrevista semi-estruturada é melhor método para esta pesquisa tendo em vista que não temos acesso a fábrica, somente a seus trabalhadores. A entrevista semi-estruturada se fundamenta em questionamentos básicos da trajetória de vida dos sujeitos de pesquisa apoiados em teorias e hipóteses. (MINAYO, 2010; MAMZINI, 1991).

Pretendemos entrevistar 25 pessoas entre moradores da cidade de Pentecoste-CE e trabalhadores da Fábrica Paquetá Calçados. A seleção desses que participaram das entrevistas será feita por setores de atuação dentro da fábrica selecionando pelo menos duas pessoas de cada setor, sendo homens e mulheres entre 18 e 30 anos de idade, que trabalham de 1 a 5 anos na Paquetá Calçados, sendo estes pais ou não de família, com baixa renda e desprovidos de meios de produção seja quais forem. O intuito inicial, portanto, é coletar informações que possibilite inferir sobre a problemática em questão, produzindo assim uma discussão a cerca de possíveis precariedades do trabalho na fábrica.

Destacamos que uma pesquisa desse escopo necessita de um cuidado amplo do pesquisador, pois pressupõe contato direto entre o entrevistador e o entrevistado, principalmente para não se tornar uma pesquisa puramente subjetiva, mas ancorada em teorias e análises, que dão base para fomentar e transparecer o diálogo.

Também será realizada pesquisa quantitativa, sendo este método uma ferramenta que ajudará a quantificar dados, fatos e opiniões, como numero de trabalhadores por setor, número de contratações anuais, medição do nível de produção anual, lucro mensal dos funcionários, assim como as horas extras trabalhadas.

6. CRONOGRAMA

Atividades					
	1º Mês	2º Mês	3º Mês	4º Mês	5º Mês
Revisão da Bibliografia	X				
Aplicação das entrevistas		X			
Transcrição das entrevistas			X		
Análise das entrevistas				X	
Elaboração do artigo acadêmico					X
Divulgação do resultado da pesquisa para a comunidade					X

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho:** ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

_____. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez; Campinas: SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

_____; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 25, n. 87, p. 335-351, mai/ago. 2004. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 01 jan 2018.

CASTEL, Robert. As transformações da questão social. In: WANDERLEY, Mariangela B; BÓGUS, Lucia; YAZBEK, Maria. **Desigualdade e a questão social.** São Paulo: EDUC, 2011.

COLOGNESE, Silvo Antonio; MÉLLO, José Luiz Bica de. . A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v, p. 143-159, 1998.

HOBBSAWM, Eric J. **Era das Revoluções.** Europa (1789-1848). São Paulo: Paz e Terra, 1994.

_____. **Trabalhadores:** trajetória do movimento operário. Campinas, SP: Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo; Fundo de Assistência à Cultura 1989.

MANZINI, E.J. A entrevista na pesquisa social. **Didática.** São Paulo, v. 26/27, p. 149 – 158, 1990-1991.

MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec – Abrasco, 2010.

OLIVEIRA, Eurenice. **Toyotismo no Brasil:** desencantamento da fábrica, envolvimento e resistência. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

SANDRONI, Paulo (Org.). **Novíssimo dicionário de economia.** São Paulo. Editora Best Seller, 2002.

UCHA, Danilo. **Grupo Paquetá tem mais de 18 mil empregados.** 2016. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2016/04/colunas/painel_economico/494408-grupo-paqueta-tem-mais-de-18-mil-empregados.html>. Acesso em: 12 set. 2018.

VALOR Econômico. **Paquetá vai ampliar operação no varejo e pretende abrir 15 novas lojas.** 2015. Disponível em: <<https://couromoda.com/noticias/ler/paqueta-vai-ampliar-operacao-no-varejo-e-pretende-abrir-15-novas-lojas/>>. Acesso em: 09 set. 2018.